

# A propósito de duas inscrições romanas da Quinta de Torre d'Ares (Luz, Tavira)

Maria Manuela Alves Dias\*

## Resumo

Guarda a colecção epigráfica do MNAE duas inscrições honoríficas provenientes de Balsa (Quinta de Torre d'Ares, Luz, Tavira) que nos falam de uma importante família local, os *Manlii*, e de um neto materno destes, *T. Rutilius Tuscillianus*, bem como do seu círculo de *amici* que o homenageiam. Através da análise comparada de todos os *nomina gentilicia* que estas inscrições evidenciam, observam-se, num mesmo lapso de tempo, algumas incidências de ocorrência comum na onomástica das elites de *Olisipo* e de *Balsa*, pelo que se propõe a sua aproximação, que teria sido feita na geração do pai de *Tuscillianus*. É considerada, ainda, a inserção de *Tuscillianus*, e seus dependentes, numa possível actividade económica ligada ao comércio marítimo.

## Abstract

*The Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, at Lisbon, keeps two interesting honorific inscriptions from Balsa, an old flavian town in the Algarve coast, that are both from about the same date, but very different in their contents: One of them tells us about the politically most important local family, the Manlii. The other one is an inscription referred to one named T. Rutilius Tuscillianus whose grandfather, a Manlius, is also honoured in the inscription. This inscription includes a list of persons of several gentes who associate themselves to the homage.*

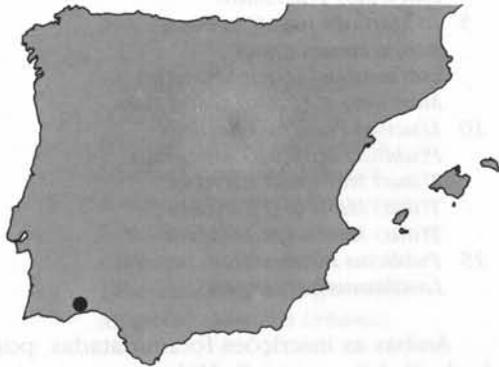
*The gentil names they use, as well as the tribe Galeria (the tribe for Balsa is the Quirina), and the gentes they were connected with, give evidence of foreign people, and suggest that they moved in to Balsa and linked the local aristocracy. These men are probably rich traders, or their dependents, and the study of their names proved they had close connections with the local ruling class of Olisipo.*

*The proposition is that, in the 1st. half of the 2nd. cent. A.D., an organised familiar group, keeping the advantages of a familiar connection with the Manlii, moved from Olisipo to Balsa, and probably acted there as a familiar lobby.*

\* Av. Madrid, 24, 2.º, d.º — P 1000 Lisboa



Guardam-se na colecção epigráfica do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (MNAE), em Lisboa, dois pedestais honoríficos, provenientes do Algarve, da Quinta de Torre d'Ares, na freguesia da Luz, concelho de Tavira e distrito de Faro, aos quais foram dados os números de entrada, E.6363 e E.6372. Pela importância documental dos seus textos, estas inscrições foram já objecto de vários estudos <sup>1</sup>; neste artigo procura-se analisá-las agora não já numa perspectiva especificamente epigráfica, mas sim em função da sua com-



<sup>1</sup> A mais recente e completa publicação destes monumentos encontra-se in ENCARNÇÃO, J. d' — *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis. Subsídios para o estudo da romanização*, Coimbra, 1984, p. 132-137, com indicação da bibliografia anterior, e Id., *Inscrições romanas do Conventus Pacensis — Aditamento*, «Trabalhos de Arqueologia do Sul», I, 1986, p. 99-109; estas publicações passam a ser referidas, adiante, pela abreviatura *IRCP*, pois a segunda obedece, na ordem dos textos, à numeração da primeira. As outras abreviaturas usadas neste texto são: *AE* (= *L'année épigraphique*); *ARPH* (= LUZON, J. M., *Antigüedades romanas en la provincia de Huelva*, «Huelva: Prehistoria y Antigüedad», Madrid, 1974, p. 271-320); *CIL* (= *Corpus inscriptionum latinarum*); *DAGR* (= DAREMBERG, C. & SAGLIO, E., *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, Paris, 1877-1919); *HAÉpigr.* (= *Hispania antiqua epigraphica*); *ILER* (= VIVES, J., *Inscripciones latinas de la España romana*, Barcelona, 1971-1972); *ILS* (= *Inscriptiones latinae selectae*); *MNAE* (= Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, Lisboa); *PIR* (= *Prosopographia Imperii Romani*); *RIT* (= ALFÖLDY, G., *Die römischen Inschriften von Tarraco*, Berlin, 1975).

preensão histórica, através das relações sociais, familiares e económicas, possíveis que os seus textos indiciam num quadro mais alargado dos comportamentos individuais e dos das estruturas sociais da orla costeira do centro e do sul da *Lusitania* durante, e após, a 2ª metade do século II.

Os textos das duas inscrições são os seguintes:

1. *Reg.* do MNAE: E. 6363. Fig. 1.

Ref. bibliográf.: *CIL* II, 4990 e 5162 = *IRCP*, p. 132-133, nº 79.

*T(ito) Manlio*  
*T(iti) f(ilio) Quir(ina tribu) Faustino bal(sensi)*  
*Manlia T(iti) f(ilia)*

- 5 *Faustina*  
*soror fra-*  
*tri piissimo*  
*II vir II*  
*d(ecreto) d(ecurionum)*  
10 *epulo dato*

2. *Reg.* do MNAE: E. 6372. Fig. 2.

Ref. bibliográf.: *IRCP*, p. 134-137, nº 80.

*T(ito) Rutilio Gal(eria tribu)*  
*Tuscilliano*

- Q(uinti) Rutil(ii) Rusti-*  
*cini f(ilio) T(iti) Man-*  
5 *lii Martialis nepoti in ho-*  
*norem eorum amici*  
*cur(antibus) L(ucio) Pacc(to)*  
*Marciano et L(ucio) Gellio Tuto*  
10 *L(ucius) Pacc(ius) Basileus*  
*P(ublius) Rutil(ius) Antigonus*  
*T(itus) Manl(ius) Eutyches*  
*T(itus) Manl(ius) Eutychio*  
*T(itus) Meclon(ius) Cassius*  
15 *Publicius Alexander*  
*Laetilianus balsensium*

Ambas as inscrições foram datadas, por critérios paleográficos, de finais do século II d.C., e para E. Hübner, o primeiro texto podia mesmo, com maior rigor, ser atribuído ao reinado de Cómodo. Estamos pois numa época em que o litoral algarvio tinha, como toda a Península Ibérica, sido já objecto da reestruturação administrativa dos Flávios de que certamente também *Balsa* beneficiou, a avaliar pela inscrição dos seus funcionários municipais na tribo *Quirina*, de que é testemunho o texto do pedestal levantado em honra de *T. Manlius Faustinus*<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> Sobre *Balsa* como cidade flávia, que a referência à tribo *Quirina* parece indicar, cf., v.g., KUBITSCHKEK, J. W. — *Imperium romanum tributim discriptum*. Praha, 1889, p. 184,

Pela epigrafia sabemos que a caracterização social da população de *Balsa* não destoaria da dos outros centros populacionais vizinhos, na costa do actual Algarve, tendo sido já dito que era uma população onde pontificaria uma «burguesia empreendedora»<sup>3</sup> que, talvez apenas não pudesse concorrer em prestígio sociopolítico com a de *Ossonoba*.

Para uma avaliação da composição familiar da população do Algarve romano, evidenciada pela onomástica expressa na epigrafia, observe-se o quadro esquemático (p. 247) dos quantitativos da representação dos *nomina gentilicia* romanos destas duas cidades e da restante costa algarvia.

É possível, dentro das limitações que os vestígios epigráficos de que dispomos impõem, determinar, para cada uma destas cidades, quais as famílias de maior representação documental e, também quais as que tiveram maior importância política, quais as de maior peso demográfico, e quais as de maior prestígio social, categorias circunstanciais que, como se sabe, nem sempre são automaticamente cumulativas e, muito menos, sujeitas a regras ou comportamentos normativos.

A onomástica familiar de *Ossonoba* abre-se num largo leque gentílico ao qual não vai corresponder uma, talvez esperada e equivalente, representação demográfica; acontece assim porque numa só inscrição, a *IRCP*, nº 10, se encontra uma lista de vinte e um indivíduos que documentam catorze *nomina gentilicia* diferentes, e porque na restante epigrafia de *Ossonoba* apenas vamos encontrar sete inscrições que repetem seis destes gentílicos.

Lê-se na inscrição *IRCP*, nº 10:

1ª coluna:

*Q(uintus) Iunius Avitianus*  
*L(ucius) Aemilius Themison*  
*L(ucius) Publicius Urbanus*  
*L(ucius) Caecilius Plocamus*  
 5 *L(ucius) Caecilius Nymphodotus*  
*Marius Maximus*  
*M(arcus) Fabius Myrtilus*  
*L(ucius) Caecilius Symphorus*  
*M(arcus) Iulius Avitianus*

2ª coluna:

*L(ucius) Livius Martialis*  
*L(ucius) Licinius Calvus*  
*L(ucius) Annius Lapillianus*  
*L(ucius) Caecilius Liberalis*  
 5 *L(ucius) Herennius Cosconius*  
*L(ucius) Aelius Superstes*  
*Cn(aeus) Acilius Rufus*  
*Q(uintus) Iunius Chrysanthus*  
*M(arcus) Caecilius Urbanus*

McELDERRY; — *Vespasian's reconstruction of Spain*. «Journal of Roman Studies», VIII, 1918, p. 73, GALSTERER, H. — *Untersuchungen zum Römischen Städtewesen auf der Iberischen Halbinsel*. Berlin, 1971, p. 68, TOVAR, A. — *Iberische Landeskunde*, II, *Die Völker und die Städte des antiken Hispanien*, 2, *Lusitanien*, Baden-Baden, 1976, p. 205-206 e WIEGELS, R. — *Die Tribusinschriften des römischen Hispanien*. Berlin, 1985, p. 73-74. Genericamente, sobre o Algarve Romano cf. ENCARNÇÃO, J. d' — *A população romana do litoral algarvio*. «Anais do Município de Faro», XVIII, 1987, p. 61-71, na sequência de ALARCÃO, J. — *Sobre a romantização do Alentejo e do Algarve*. «Arqueologia», 11, 1985, p. 99-111.

<sup>3</sup> Para o conhecimento e caracterização socioeconómica da população destas duas cidades cf. ENCARNÇÃO, J. d' — *Reflexões sobre a epigrafia de Ossonoba*. «Conimbriga», XXIII, 1984 (= Id. — *Ibid.* — «Anais do Município de Faro», XV, 1985, p. 125-132), p. 5-18, para *Balsa* especialmente p. 8 e Id. — *Op. cit.*, p. 66-67 (v. nota 2).

- |    |   |    |                                 |
|----|---|----|---------------------------------|
| 10 | [...] <i>Geminus Callistus</i><br>[.....]<br>[.....] <i>Inius</i><br>[.....] <i>Iustus</i><br>[.....] | 10 | <i>L(ucius) Licinius Opilio</i> |
| 15 | [.....] <i>(os)sonobensium</i><br>[.....]<br>[.....]<br>[.....]                                       |    |                                 |

Não se pode saber ao certo qual a natureza do texto desta inscrição, tanto se pode tratar de uma associação profissional, como de uma inscrição honorífica pública (ou até privada), ou de um acto de munificência. De qualquer forma, trata-se de uma elencação de nomes próprios, quase todos apresentando os *tria nomina*, ordenados em colunas e redigidos em nominativo, à semelhança do que sucede nos *alba decurionum* e em muitos outros *tituli municipales et collegiorum*<sup>4</sup> do ocidente do Império, mais frequentes, como se sabe, a partir de Trajano. Não é possível garantir qual a natureza funcional desta inscrição de *Ossonoba*, contudo não há nada nela que nos faça suspeitar que os nomes inscritos sejam de indivíduos estranhos à população da cidade, e à da costa algarvia<sup>5</sup>. Os referidos catorze nomes gentílicos são, por ordem alfabética, os seguintes: *Acilius, Aelius, Aemilius, Annius, Caecilius, Fabius, Geminus, Herennius, Iulius, Iunius, Licinius, Livius, Marius* e *Publicius*, destes, os *Acilii*, os *Caecilii*, os *Fabii*, os *Geminii*, os *Iunii*, e os *Livii* ou unicamente aparecem na epigrafia de *Ossonoba*, ou aparecem sempre directamente ligados com indivíduos que se dizem «ossonobenses»<sup>6</sup>. Os funcionários municipais e aqueles que desempenharam cargos públicos religiosos na cidade usam os seguintes gentílicos: *Cornelius*<sup>7</sup>, *Iunius*<sup>8</sup> e, talvez também, *Iulius* se admitirmos a restituição de E. Hübner<sup>9</sup>. No entanto, aqui em *Ossonoba* os gentílicos de maior presença demográfica não nos apareceram, até agora, documentados entre as elites, a religiosa e a política, locais, onde seria de esperar também encontrarmos um *Caecilius*, se é que devemos esperar que os gentílicos de maior peso demográfico o sejam também por uma mais prolongada permanência na região, o que pressuporia para os *Caecilii* dos finais do século II uma implantação continuada, pelo menos, de um século; e isto tudo assim, a dar-se o caso das transformações políticas de finais do século II, que acompanharam a subida ao poder dos Severos e que se repercutiram fortemente na Península Ibérica, não terem pro-

<sup>4</sup> Cf., v.g., *ILS* II, p. 537-770.

<sup>5</sup> Cf. *IRCP*, p. 54-58.

<sup>6</sup> Cf. *Ibid.*, nº 64, de S. Brás de Alportel.

<sup>7</sup> São os casos de *M. Cornelius Q.f. Gal. Persa*, patrono da cidade e flâmine da província da Lusitânia, e de *M. Cornelius Eridanus*, séviro augustal e certamente liberto da família de *M. Cornelius Persa*, cf. ENCARNÇÃO — *Op. cit.*, p. 12 (v. nota 3).

<sup>8</sup> É o caso de *G. Iunius Receptus*, séviro augustal, que, no século II, aparece associado na mesma inscrição a *M. Cornelius Eridanus*, cf. *IRCP*, nº 11.

<sup>9</sup> *Ibid.*, nº 8; J. d'Encarnação discute a restituição de E. Hübner.

QUADRO 1  
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DOS GENTILÍCIOS DO ALGARVE

Gentilícios:	Ossonoba, Faro	reg. Olhão	Alg. Ocíd.	Balsa
<i>Acilius</i>	3 (2, 8, 10)			
<i>Aelius</i>	2 (8, 10)			
<i>Aemilius</i>	1 (10)	1 (38)	1 (71)	1 (81)
<i>Agrius</i>	1 (1)			
<i>Albius</i>				1 (82)
<i>Annius</i>	2 (6, 10)	1 (40)		3 (73, 91)
<i>Atilius</i>			2 (69)	
<i>Atius</i>	2 (16, 35)			
<i>Axius</i>	1 (8)			
<i>Caecilius</i>	5 (10)		1 (64)	
<i>Callaeus</i>				1 (86)
<i>Calpurnius</i>	2 (18, 35)			
<i>Cassius</i>				2 (76, 80*)
<i>Cornelius</i>	2 (7, 11)			
<i>Cosconius</i>	1 (10*)			
<i>Domitius</i>				1 (84)
<i>Fabius</i>	1 (10)	1 (45a)		
<i>Flavius</i>				2 (81, 85)
<i>Fonteus</i>			2 (58, 59)	
<i>Gellius</i>				1 (80)
<i>Geminus</i>	1 (10)			
<i>Grannius</i>				1 (89)
<i>Herennius</i>	2 (10, 21)		2 (46, 54)	
<i>Iulius</i>	3 (8, 10, 22)		2 (66)	1 (86)
<i>Iunius</i>	4 (10, 11, 21)			
<i>Licinius</i>	3 (10)		1 (67)	1(77)
<i>Livius</i>	1 (10)			
<i>Manlius</i>		1 (47)		5 (79, 80)
<i>Marcus</i>				2 (80, 86)
<i>Marius</i>	1 (10)			
<i>Meclonius</i>				1 (80)
<i>Numisius</i>	1 (23)		1 (69)	
<i>Paccius</i>			1 (62)	2 (80)
<i>Pompeius</i>			1 (65)	
<i>Publicius</i>	1 (10)			1 (80)
<i>Quintius</i>	1 (35)			3 (86, 92)
<i>Rutilius</i>				3 (80)
<i>Sempronius</i>			1 (65)	
<i>Sulpicius ?</i>				1 (93)
<i>Umbrificius?</i>	1 (24)			
<i>Vareius</i>	1 (8)			
<i>Verrius</i>	1 (35)			
<i>Vibius</i>	1 (35)			1 (92)

Os números representam a quantidade de indivíduos; os números entre parêntesis são os das inscrições das IRCP. \* Indica o caso do uso, no nome próprio, de um gentílico em posição cognominal.

vocado grandes alterações das linhagens familiares dos que anteriormente controlavam a administração local nas cidades da costa algarvia, por introdução política, e de certo modo artificial, de «gente nova» nas estruturas institucionais do poder local, onde igualmente essa «gente nova» podia ter chegado, por ascensão social, de origem económica, se a reforma dos Severos correspondesse também, aí na costa algarvia, a uma modificação profunda nas estruturas produtivas de base ou nas da actividade comercial.

*Balsa*, com dezanove inscrições, forneceu também dezanove gentílios diferentes, são eles: *Aemilius*, *Albius*, *Annius*, *Cassius*, *Domitius*, *Flavius*, *Gellius*, *Grannius*, *Iulius*, *Licinius*, *Manlius*, *Marcus*, *Meclonius*, *Paccius*, *Publicius*, *Quintius*, *Rutilius*, *Sulpicius*? e *Vibius*. Destes, são específicos da epigrafia da cidade os dos *Albii*, dos *Cassii*, dos *Domitii*, dos *Flavii*, dos *Gellii*, dos *Granii*, dos *Marcii*, dos *Meclonii*, dos *Rutilii* e dos *Sulpicii*?. Mas os que ocuparam cargos políticos ou religiosos municipais usam, tanto quanto a epigrafia até hoje nos revelou, um ou outro de dois gentílios, *Annius*<sup>10</sup> e *Manlius*<sup>11</sup>.

Os gentílios comuns a *Balsa* e *Ossonoba*, cidades que distam entre si poucos quilómetros, são: *Aemilius*, *Annius*, *Iulius*, *Licinius*, *Publicius*, *Quintius* e *Vibius*.

a) Os *Aemilii* encontramos-os um pouco por toda a costa algarvia, onde podemos datá-los seguramente pelo menos desde a 2ª metade do século II até a meados do século III; numa inscrição de *Balsa*, datada da 2ª metade do século II, aparece uma *Aemilia* associada por casamento a um *Flavius*, indivíduo que usa um gentílico dos que, como já se disse, são dos específicos desta cidade, onde os duúnviros conhecidos pertencem à tribo *Quirina*, introduzida pela reforma flávia.

b) Os *Annii* conhecemo-los pelo menos desde o século I através de *L. Annius Quir(ina tribu) Novatus*, numa inscrição de *Ossonoba* (v. quadro 1); a referência à tribo *Quirina* associa-o aos notáveis de *Balsa*, onde no século II, *Annius Primitivus*, séviro augustal, comemorou a promoção ao cargo, com a consagração de um pedestal aos deuses (*Fortuna Augusta*) e com a dádiva pública de jogos (de barcas e de luta) aos cidadãos, o que fortaleceria a aceitação duma efectiva implantação desta *gens* em *Balsa*, como, aliás, já foi referido<sup>12</sup>, e isto mesmo quando se encontram alguns *Annii* fora da cidade, que se lhe podem, de algum modo, associar.

c) Os *Iulii*, que talvez tenham tido, no século II, um duúnviro em *Ossonoba*<sup>13</sup>, estão inequivocamente representados nesta cidade, nos finais do século II, por *M. Iulius Avitianus* e por *I(ulia) Lupercilla*<sup>14</sup>, sendo, no entanto, o pedestal funerário de *Iulia Tib. f. Marcia Gemina*, de finais do século II ou inícios do século III, de *Balsa*, que nos dá mais informações sobre esta *gens* e,

<sup>10</sup> Cf. *Ibid.*, nº 73: *Annius Primitivus* que foi séviro augustal num tempo que cai dentro da 2ª metade do século II.

<sup>11</sup> Cf. *Ibid.*, nº 79: *T. Manlius T. f. Quir(ina) Faustinus* que, por duas vezes, foi duúnviro.

<sup>12</sup> Cf. ENCARNAÇÃO — *Op. cit.*, p. 8-9 (v. nota 3).

<sup>13</sup> Cf., *supra*, nota 9.

<sup>14</sup> *IRCP*, nº 10 e 22. ambas de Faro.

formalmente, estabelece a ligação, neste caso de dependência, dos *Quintii* com os *Iulii*<sup>15</sup>; o cognome (ou pseudocognome) *Marcia* que integra o nome de *Iulia Gemina* indica seguramente que esta tinha uma relação muito próxima, garantidamente familiar, com um portador masculino do gentílico *Marcus*, gentílico do qual, como se sabe, derivou o cognome *Marcianus* que encontramos também nesta cidade, mas alguns anos antes, numa inscrição datada de finais do século II, no nome de *Paccius Marcianus*, um dos que figura na inscrição MNAE E. 6372 atrás transcrita. Seria caso de admitir hipoteticamente uma qualquer relação familiar ou de dependência entre *Paccius Marcianus* e um trisavô de *Iulia Marcia Gemina*, mais apropriadamente, entre um avô de *Paccius* e um trisavô de *Iulia Gemina*, relação que até poderia chegar a ser a própria identidade, isto é, um não documentado (ou não localizável na documentação) *Marcus* que seria, nas linhagens maternas, simultaneamente, avô de *Paccius* e trisavô de *Iulia* (é claro que nesta imaginária hipótese genealógica também cabe uma possibilidade eventual de *adoptio*).

d) Os *Licinii* estão representados em *Ossonoba* nos finais do século II por três indivíduos, todos na mesma inscrição, *L. Licinius Fructus*, *L. Licinius Calvus* e *L. Licinius Opilio*<sup>16</sup>; mas em *Balsa* apareciam já por meados do século II através de *G. Licinius Badius*<sup>17</sup> que, tal como noutra ocasião o fez *L. Cassius Celer*<sup>18</sup>, foi dos que contribuíram para a construção do *podium* do circo da cidade. A julgar pelas datações atribuídas às inscrições, em *Balsa* houve pelo menos um indivíduo desta *gens* anterior aos de *Ossonoba*, embora seja esta cidade a que apresenta uma maior quantidade de portadores do gentílico.

e) Os *Publicii*<sup>19</sup> aparecem nestas duas cidades nos finais do século II, época em que as elites locais começam a absorver os descendentes de libertos públicos, os quais, como se sabe, costumavam usar precisamente o gentílico *Publicius*<sup>20</sup>.

f) Os *Quintii*, de que já referimos a sua relação com os *Iulii* em *Balsa*, aparecem aí também associados com os *Vibii*, o que se documenta na base de estátua funerária que *Vibius Proculus* e sua mulher mandam fazer a *Quintia Palustri f.*, no século I; *Vibii* e *Quintii* parecem ter continuado a manter relações familiares preferenciais na orla costeira do Algarve, como nos sugere o nome de *G. Vibius Quintilianus* que na *Ossonoba* do século III se associava

<sup>15</sup> Cf. *Ibid.*, nº 86: *Iuliae Tib(eri) f(iliae) Marciae Geminae amicae optimaе / I(ucius) Quintius Priscion / cum Callaea T(iti) f(iliae) Severina et Quintia Avita fil(ia) d(ederunt) d(edicaverunt)*. Como se vê, trata-se de uma família, em que todos, pai, mãe e filha, *dederunt dedicaverunt* que uma homenagem a uma senhora, *Iulia Marcia Gemina*, chamada de *amica optima*, que pelo nome, se percebe tratar-se, para eles, de uma protectora, observando-se provavelmente aqui o significado do feminino de *amicus*, -i como de *patronus*, -i, no caso *patrona*, -ae, cf. LEWIS, C. T.; SHORT, C. — *A Latin Dictionary*. Oxford, 1969, p. 106.

<sup>16</sup> Cf. *Ibid.*, nº 10.

<sup>17</sup> Cf. *Ibid.*, nº 77, de Luz, Tavira.

<sup>18</sup> Cf. *Ibid.*, nº 76, de Luz, Tavira.

<sup>19</sup> Cf. *Ibid.*, nº 10 e 80, esta de Luz, Tavira.

<sup>20</sup> Cf. *PIR*<sup>1</sup>, P e p. 107; sob a República, TAYLOR, L. R. — *The voting districts of the Roman Republic*. Roma, 1960, p. 249, indica-nos um *M. Publicius* que, em 46 a.C. e sob *Cn. Pompeius*, foi legado pretor na Hispânia.

num acto de munificência a outros indivíduos da cidade como se pode ver pela inscrição do mosaico de Oceano <sup>21</sup>.

A flagrante proximidade geográfica entre as duas cidades, favorecendo grandemente a tendência para muitos e frequentes contactos a que as populações das regiões costeiras estão mais facilmente sujeitas, sobretudo pela actividade comercial que naturalmente as anima e da qual naturalmente decorre uma certa mobilidade social ascendente que as operações com capital móvel sempre produzem, quase faria pensar que, entre os habitantes de *Ossonoba* e os de *Balsa*, iríamos encontrar um certo encadeamento de famílias, as mesmas famílias, unidas entre si por laços matrimoniais.

É certo que os vestígios epigráficos de que dispomos não se podem considerar muito abundantes, sendo a única ligação familiar expressa que podemos encontrar, como uma constante nestas duas cidades, esta dos *Vibii* com os *Quintii*, tanto uma família como a outra demonstram um mediano desafogo económico, suficiente para o evidenciarem em manifestações razoavelmente dispendiosas dos seus cultos funerários ou de partilharem com outros os custos de actos de munificência pública <sup>22</sup>. Apesar destas ligações familiares e da presença de alguns ossonobenses em *Balsa* e de alguns balsenses em *Ossonoba*, parece que não se estabeleceram relações familiares de tal forma estreitas entre estas cidades que não permitam hoje a determinação das elites de cada uma, e muito menos a determinação dos interesses preferenciais de uma dada *gens* em relação a uma dada cidade. Quando, no mesmo período de tempo, as populações de duas cidades vizinhas assistem, nelas, a actos de munificência pública protagonizados pelos seus cidadãos mais destacados, elas próprias, no seu imaginário, projectam esses seus cidadãos mais destacados com a sua melhor expressão colectiva de identidade e duma rivalidade, digamos, «bairrista», mas originando, por isso mesmo, principalmente se acitarem a competitividade evergética, um sério bloqueamento à aproximação entre as respectivas elites locais, sobretudo quando não existem motivos profundos de concorrência estrutural — talvez seja isto o que terá acontecido às elites de *Balsa* e de *Ossonoba*.

De facto, nestas duas cidades, é possível determinar, para cada uma delas, a caracterização das suas elites. No caso de *Ossonoba* já foi devidamente acentuada a importância que a cidade teve como núcleo social, atento e aberto à organização religiosa provincial (recorde-se *M. Cornelius Q. f. Gal. Persa*, patrono da cidade e flâmine da província da Lusitânia) e que ainda, em finais do século III ou mesmo já no século IV, era objecto das atenções de *Aurelius Ursinus*, governador da província da Lusitânia, o que também prova a sua vitalidade como centro urbano numa época francamente tardia <sup>23</sup>.

<sup>21</sup> Cf. *IRCP*, nº 35 (mosaico de Oceano), Faro, e 86, de Luz, Tavira. Quanto a *Quintilianus*, é evidente que não podemos deixar de o considerar, na Hispânia, senão como um cognome directamente associado aos gentílico *Quintius*, e, de forma alguma, como à primeira vista se poderia supor, ao gentílico *Quintilius*, o qual nunca foi documentado na epigrafia peninsular. A voga tardia do uso do cognome *Quintilianus/Quintillianus* e, mais tarde, logo no início do século V, a oscilação morfológica gráfica entre *Quintillianus* e *Quintianus* (cf., v.g., MARROU, H. I.; PALANQUE, J. R. — *Prosopographie chrétienne du Bas-Empire*, I, Paris, 1982, p. 939-942), vem reforçar a ideia de, no ocidente provincial, ter sido indiscutivelmente efectiva a correlação funcional entre o nome gentílico *Quintius* e o cognome *Quintilianus*.

<sup>22</sup> *IRCP*, nº 35, de Faro.

<sup>23</sup> Cf. ENCARNAÇÃO — *Op. cit.*, p. 10 (v. nota 3).

De *Balsa* sabemos menos; a sua qualidade de cidade flávia pode ser deduzida do facto dos seus funcionários locais pertencerem à tribo *Quirina*; atendamos agora à questão de interpretar e compreender a presença de *T. Rutilius Tuscillianus*, da tribo *Galeria*, e homenageado por portadores de gentílios, que como vimos no Algarve são específicos de *Balsa*.

O problema, que a inscrição *IRCP* nº 80 (= *MNAE*: E. 6372) levanta, pode ser resolvido de duas maneiras:

a) ou ficamos à espera de vir a encontrar em *Ossonoba* novas inscrições em que *Rutilii* nos apareçam, enquanto elites locais, inscritos, como será natural, na tribo *Galeria*, ficando assim documentada mais uma relação entre as duas cidades <sup>24</sup>;

b) ou vamos procurar uma cidade cujas elites pertençam a esta tribo, e em que o leque gentílico patente nesta inscrição de *Balsa* esteja documentado, exceptuando-se os *Manlii*, que sabemos serem de implantação antiga no Algarve <sup>25</sup> e terem tido, por duas vezes, um dos seus como duúviro no governo da cidade.

No entanto, primeiramente, convém analisar mais de perto a informação que a inscrição de *Balsa*, acima transcrita nos dá. As relações familiares e as de dependência que nela encontramos podem ser condensadas nos seguintes dois *stemmata*:

#### I. *Stemma* das relações familiares (família restrita):

linhagem paterna:

Q. Rutilius [Gal.] Rusticinus

linhagem materna:

T. Manlius Martialis ~ ?

[Manlia Tusca ?]

T. Rutilius Gal. Tuscillianus

Não é muito vulgar o aparecimento de inscrições provinciais não funerárias em que se possa seguir uma linhagem até à terceira geração, e, o que é ainda mais interessante, que o segundo antepassado seja o avô materno, isto é, aquele precisamente que o gentílico do neto não contempla. Se não fosse a expressa presença do nome de seu avô também ninguém poderia suspeitar porque razão *Rutilius Tuscillianus* usa o *praenomen* *T(itus)*, e note-se que este mesmo *praenomen* é também o que usaram quer o duúviro *T. Manlius Faustinus*, quer o pai deste. A homenagem que os amigos de *Balsa* lhe fazem, para além de ser uma homenagem a *Rutilius Tuscillianus* e aos seus antepassados, tem também, nesta terra onde os *Manlii* eram alguém, a função de legitimar em *Tuscillianus*, entroncando-o na importante família local, um prestígio social que lhe era devido, mas que o seu gentílico, estranho à cidade não deixava claro, e a que o seu cognome, diferente do de seu avô materno, também não apelava. No fundo era repetir a nível privado uma fórmula que, esboçada

<sup>24</sup> Cf. *IRCP*, p. 135.

<sup>25</sup> Cf. *Ibid.*, nº 47; inscrição de *T. Manlius Lacon*, anterior ao século II, encontrada entre Moncarapacho e a Fuseta.

por Augusto, foi sobretudo sob os imperadores Antoninos publicamente vulgarizada, e que, com eles, consistia em estender até Nerva, fundador da dinastia, o seu grau de parentesco (que o era por adopção) legitimando-se, também assim, no poder através da publicitação da linhagem sucessória própria, numa lógica gentílica. Aqui em *Balsa*, o poder eram os *Manlii*, logo eles eram, embora por linha feminina, a referência social útil, não só pessoalmente para *Tuscillianus*, mas para todos os «*amici*» que com ele estavam relacionados certamente por laços de dependência.

Nesta inscrição, os gentílios dos «*amici*» são: *Paccius & Marcius* (este na forma cognominal *Marcianus*), *Gellius*, *Rutilius*, *Manlius*, *Meclonius & Cassius* (com este nome gentílico em posição cognominal) e *Publicius*.

Os autores que estudaram esta inscrição são unânimes em aceitar, para a maioria dos «*amici*», um estatuto sócio-jurídico de *liberti/-ni*<sup>26</sup>; para tal, os argumentos que aduzem são:

1 — a presença dos mesmos gentílios dos homenageados nos nomes dos «*amici*»;

2 — o facto de a maior parte dos cognomes serem cognomes gregos.

Assim, nesta ordem de ideias, os *Rutilii*<sup>27</sup> teriam libertado *P. Rutilius Antigonus*, e os *Manlii* seriam responsáveis pela libertação de *T. Manlius Euthyches* e *T. Manlius Euthychio*, o que é sugerido até pelo *praenomen T(itus)*, comum a todos os *Manlius* da inscrição, enquanto que *L. Gellius Tutus* e *L. Paccius Marcianus* teriam uma posição diferente face aos «*libertos*», posição de superioridade, que o facto de terem cognomes latinos e terem sido encarregados de fazer a inscrição parece reforçar, tanto mais quando se admite também a possibilidade de *L. Pacc(ius) Basileus* ter sido liberto por *L. Pacc(ius) Marcianus*; quanto a *Publicius Alexander Laetilianus*, com dois *cognomina*, este seria um liberto da comunidade como propôs J. d'Encarnação que, segundo julgamos saber, foi o primeiro autor que chamou a atenção para o facto de, nesta inscrição, *balsensium* ser um qualificativo que por igual abrange todos os indivíduos que subscrevem a homenagem<sup>28</sup>.

Será sempre útil tentar distinguir aqui quem são os dependentes e quem são os libertos, se bem que nos primeiros possamos incluir os segundos, tanto mais que à qualidade social de liberto corresponde uma situação juridicamente definida. Mas na inscrição de *Balsa* nada há que nos possa garantir, em absoluto, que se tratem de libertos, e o facto de eles usarem *cognomina* gregos não deve ser interpretado como sinal obrigatório desse estatuto jurídico, sobretudo nas cidades costeiras, nos vales próximos da foz dos grandes rios, ou nos grandes

<sup>26</sup> Consoante a «leitura social» feita os coloque face aos *patroni* ou face aos *ingenui*, cf., v.g., PAVIS D'ESCURAC, H. — *Affranchis et citoyenneté: les effets juridiques de l'affranchissement sous le Haut-Empire*, «*Ktema*» 6, 1981, p. 181-192, especialm. p. 181-185, LÉCRIVAN, C. — *Libertus, libertinus*, in *DAGR*, III, 2, p. 1200-1221 e LEMONNIER, H. — *Étude historique sur la condition privée des affranchis aux trois premiers siècles de l'Empire Romain*, Paris, 1887, p. 4-10.

<sup>27</sup> Cf. *IRCP*, p. 136; onde se vê que, por o *praenomen* ser diferente, *P. Rutilius Antigonus* não poderia ter sido libertado por um ou outro dos dois outros *Rutilii* desta inscrição. Sob os *praenomina* dos *liberti* cf., v.g., THYLANDER, H. — *Étude sur l'épigraphie latine*, Lund, 1952 p. 57-64.

<sup>28</sup> Cf. *Ibid.*, p. 136-137.

centros comerciais e industriais, particularmente a partir de Adriano, quando a explosão cultural (e ideológica) do bilinguismo greco-latino tornou o uso de cognomes gregos uma prática que se vulgarizou largamente em diversos grupos sociais. O que é indiscutível, na inscrição de *Balsa*, é a existência de relações familiares de dependência, para as quais o adjetivo «*amici*» dos dedicantes é certamente pouco expressivo, e quando a sua identificação como *balsensium* funciona como uma espécie de consciência colectiva que os liga à cidade e os «igualitariza» entre si, enquanto que os seus nomes gentílicos obrigam, apesar destas lateralidades (serem «*amici*» e serem «*balsensium*» simultaneamente), a alinhá-los ainda, no âmbito da família alargada de *Tuscellianus*.

## II. *Stemma* das relações familiares (família alargada) <sup>29</sup>:

Manlii (Quir.)

Rutilii (Gal.)

MANLI	RUTILII	GELII	PACCII	MARCII	MECLONII	CASSII
T. Manlius Eutyches T. Manlius Eutychio	P. Rutilius Antigonus	L. Gellius Tutus	L. Paccius Marctanus L. Paccius Basileous		L. Meclonius Cassius	

Decerto que os *Rutilii* desta inscrição devem ter sido os primeiros a aparecer no Algarve. Na Hispânia, o gentílico *Rutilius* contrasta, pela sua raridade <sup>30</sup> com o gentílico *Manlius* que vemos, já em época republicana, na onomástica pessoal das elites de centros urbanos como *Bailo* (a futura *Baelo Claudia*), *Brutobriga*, e, mais tarde, *Ilici* <sup>31</sup>; os *Manlii*, nos inícios do Império, ocupavam cargos públicos em numerosas cidades da Bética e da Tarraconense, principal-

<sup>29</sup> É esta a característica *familia romana*, sob a autoridade do *pater familias*, junto à família restrita, os familiares dependentes (e os tutelados), os escravos, os libertos (por vezes os descendentes destes) e, ainda, os clientes.

<sup>30</sup> Na Lusitânia: *CIL*, II, 5005 (*L. Rutilius Severus* e *Rutilia*); *CIL*, II, 5221 (*M. Gellius Rutilianus*); *CIL*, II, 688, (*P. Rutilius Munus*); *ILER*, 5384 (*Rutilia liberta*) *Crysis* [*Ossitana*] além dos três *Rutilii* da inscrição de *Balsa* e de talvez de um outro possível, *IRCP*, nº 657 (*Rutilius*). Na Bética: *CIL*, II, 1724 (*P. Rutilius Syntrophus*); *ILER*, 2659 (*Rutilia Primigenia*); *CIL*, II, 2024 (*Rutilia Fructuosa*); *CIL*, II, 2192 (I) *Ru(t)lius*); *CIL*, II, 2187 (*Q. Rutilius*); *CIL*, II, 2135 (*P. Rutilius P. I. Menelaus*). Na Tarraconense: *CIL*, II, 2566 (*Rutilia Perurd*); *ILER*, 2358 (*Alsinius Rutili f.*); *ILER*, 3641 (*Rutilianus*).

<sup>31</sup> Cf., v.g., BELTRAN LLORIS, F. — *Los magistrados monetales en Hispania*. «Numisma», XXVIII, 1978, p. 200, onde se indicam *Q. Manli(us)* e *T. Manlius T. f. Sergia*, nas moedas de 47-44 a. C., em *Bailo* e *Brutobriga* e *L. Manlius*, nas moedas de 27-12 a.C., em *Ilici*.

mente nas da orla costeira <sup>32</sup>. Estas circunstâncias fazem ressaltar a importância que terá tido certamente o facto de exarar-se numa inscrição pública o entroncamento, por linha materna, deste *Rutilius* na família dos *Manlii* balsenses; efectivamente, em mais nenhuma outra inscrição peninsular os *Rutilii* aparecem associados familiarmente com os *Manlii* <sup>33</sup>; nesta associação familiar não podemos saber quem, em absoluto, dava prestígio a quem, isto é, se os *Rutilii* aos *Manlii*, se estes àqueles, se bem que, ao nível local, eram, sem dúvida, os *Manlii* que caucionavam os *Rutilii*.

Em toda a Lusitânia parece que os *Rutilii* tiveram a sua «estreia» na política local, já sob Adriano, em *Olisipo* <sup>34</sup> e, como veremos, igualmente em representação de um costado materno. Vejamos o *stemma* familiar do intérprete dessa «estreia» política:

[*Gellius*] ~ [*Rutilia* ?]

M. *Gellius Rutilianus* (duúnviro) ~ [...]*lia Vegeta* (flamínica)  
(*CIL* II, 5221) ( *CIL* II, 5218)  
± 121 d.C.

Como se vê é dentro da linhagem gentílica dos *Gellii* que os *Rutilii* se encontram representados.

Há um outro *Rutilius*, mencionado numa inscrição encontrada próxima de Oeiras e depois trazida para o estabelecimento dos banhos de S. Paulo em Lisboa <sup>35</sup>, a qual nos permite o *stemma* seguinte:

L. {*Rutilius* ?} ~ *Rutilia*

L. *Rutilius* L.f. *Gal. Severus*  
(*CIL* II, 5005)

Em *Olisipo*, no reinado de Adriano, *M. Gellius Rutilianus* partilhou o duunvirato com *L. Iulius Avitus*. O gentilício *Iulius* é, sem dúvida, em *Olisipo*, um

<sup>32</sup> Na Bética: *CIL*, II, 1477 (*Cn. Manlius Cn. f. Pap.*, de Astigi); *CIL*, II, 1029 (*Q. Manlius Gal. Avitus*, de Ugultiniacum); *CIL*, II, 2225 (*L. Manlius A. f. A.n. Gal. Bocchus*, de Corduba); em Baelo, mais tarde, já não se encontram, cf. BONNEVILLE, J. -N., e outros — *Les inscriptions romaines de Baelo Claudia*. Madrid, 1988. E na Tarraconense: *CIL*, II, 4528 (*P. Manlius P. f. Gal. e Cn. Manlius P. f. Gal. Secundus*, de Barcino); *CIL*, II, 3571 (*Q. Manlius Q.f. Quir.* [Celsinus, de Villajoiosa]); *CIL*, II, 3862 (*L. Manlius C.f. Fabianus*, de Saguntum); *CIL*, II, 5848 (*Ti. Manlius Ti. f. Silvanus*, de Ilerda); e ainda, em associação com o poder local, *CIL*, II, 3698 (*Manlia Fabiana*, mulher de *L. Vibius L. f. Vel. Nigellio*, duúnviro de Pollentia, nas Baleares).

<sup>33</sup> Excluindo a inscrição de Balsa, os *Rutilii* associam-se familiarmente com: os *Asinii* (*ILER*, 5258, de Iruña); os *Gellii* (*CIL*, II, 5221, de *Olisipo*); os *Iunii* (*CIL*, II, 2024, de *Singilia Barba*, e 2566, de La Coruña); e os *Sempronii* (*ILER*, 3641, de Tarraco).

<sup>34</sup> Cf. *CIL*, II, 5221 e 5218: cf. ALARCÃO — *Op. cit.*, p. 107-108 (v. nota 2) e ENCARNÇÃO — *Op. cit.*, p. 66 (v. nota 2).

<sup>35</sup> Cf. *CIL*, II, 5005; para o local de achado da inscrição cf. SILVA, A. Vieira da — *Epigrafia de Olisipo*. Lisboa, 1944, p. 241-242.

dos que estão mais bem implantados no tecido social da cidade, e é mesmo possível que a mulher de *Rutilianus* fosse uma *Iulia*, como propôs E. Hübner, e não uma *Caelia* como também se tem admitido. O caso é que, quer os *Rutilii*, quer os *Gellii*<sup>36</sup>, são bastante raros na Hispânia, e não lhes vemos documentada uma segura implantação na cidade, nem, muito menos, uma presença continua na elite urbana.

Igualmente raros, como os *Gellii* e os *Rutilii*, são os *Paccii* (*Paccii* que em *Balsa* se teriam ligado aos *Marcii*, como recorda o nome de *L. Paccius Marcianus*); os vestígios epigráficos dos *Paccii* estão muito dispersos na Hispânia: na Bética não os há; na Tarraconense, um em *Tarraco* e um em *Legio*; na Lusitânia os restantes seis, duas inscrições que os referem em *Emerita Augusta*, duas no Algarve, uma no estuário do Tejo, e outra no do Sado<sup>37</sup>.

Quanto aos *Marcii* encontramos-os entre os duúnviros de *Olisipo*, numa inscrição datada de 114 d.C., que a cidade fez a *Matidia Augusta*<sup>38</sup>, não tendo, no entanto, grande peso demográfico entre a população da cidade, se bem que sejam muito mais vulgares na Hispânia do que as *gentes* antes referidas.

Os *Meclonii* são de todo estranhos à Hispânia e mesmo muito raros em todo o resto do Império, mas o gentilício *Cassius*, que se lhes associa na inscrição de *Balsa*, tem um dos seus principais centros de concentração na Península Ibérica, precisamente em *Olisipo* e nas regiões limítrofes, com vinte e três representações do nome, muitas vezes associados com portadores de gentilícios como *Marcus*, *Iulius* e *Coelius* que figuram na onomástica dos duúnviros da

<sup>36</sup> Se excluirmos as marcas sobre cerâmica, o *Gellius Rutilianus*, de *Olisipo*, e o *Gellius Tutus*, da inscrição de *Balsa*, na Lusitânia, ainda podemos contar, com *Gellia Crata* casada com um *Iulius*, de Odrinhas (*ILER*, 4026); como portadores seguros do gentilício, temos ainda, na Bética, *Gellius Xelli f.*, de *Ilipta* (*CIL*, II, 1098) e *Gellia Patricia* que se diz emeritense, numa inscrição de *Astigi* (*CIL*, II, 5458=5270), e na Tarraconense, *Gellia Excitata*, mulher de um *miles classis*, natural da Córsega, que faleceu em *Dertosa* (*CIL*, II, 4063), e *Gellius Licinianus*, em *Tarraco*, numa inscrição do século III (*RIT*, nº 597). Há uma outra inscrição que dá a possibilidade de leitura de *Gellius* por *Cellius* (*CIL*, II, 5356).

<sup>37</sup> A maior concentração de *Paccii* está na Lusitânia, no Algarve, com dois exemplos, na inscrição de *Balsa* e na *IRCP*, nº 62, de Loulé, em Mérida, com três exemplos, a inscrição de *Paccius Fortunatus* que libertou *Paccia Glycera*, cf. *CIL*, II, 5272, e a de *Paccia Flacilla*, mulher de *M. Arrius Laurus* e mãe de *M. Arrius Reburus*, que se diz lanciente transcudano, datada talvez de época de Trajano, cf. *ILER*, 179, no estuário do Sado, mais precisamente em Tróia, de Setúbal, com *Paccia Lepidina*, avó de um *Q. L(icinius?) Felix*, cf. *IRCP*, nº 219, e na região da foz do Tejo, em local indeterminado da margem direita, entre Santarém e Lisboa, com *Paccia ? Suavis*, cf. VASCONCELOS, J. L. de — *Epigrafia do Museu Etnológico (Belém)*. -O Archeólogo Português, XXVIII, 1929, p. 224, nº 28; na Tarraconense estão representados, em León por *L. Paccius Pacci f.* casado com *Sempronia Amma*, cf., *CIL*, II, 5696, e, em *Tarraco*, por *T. Paccius T. f. Quartinus*, numa inscrição datada de inícios do século II, cf. *RIT*, nº 633. Os *Paccii* tiveram na África alguns cargos públicos e religiosos municipais de bastante importância em *Cirta*, *C. Paccius Rogatus*, em *Carthago*, *Q. Paccius Victor Candidianus*, em *Hipo Regius*, *C. Paccius Africanus*, cf., v.g., BASSIGNANO, M. S. — *Il flaminato nelle province romane dell'Africa*. Roma, 1974, p. 113, 115, 120-121, 139, 268 e 270.

<sup>38</sup> Trata-se de *T. Marcus Marcianus* que partilhou o duúvirato com *Q. Antonius Gallus*, cf. *CIL*, II, 4993. Sobre *Matidia Augusta*, filha de *Ulpia Marciana* e sobrinha de Trajano, cf., v.g., *PIR*<sup>2</sup>, M-367 e *RAEPSAET-CHARLIER*, M.- Th. — *Prosopographie des femmes de l'ordre sénatorial (I-II<sup>e</sup> siècles)*. Louvain, 1987, p. 546-547.

cidade; os *Cassii* têm aqui, ainda, o seu nome ligado a umas termas, reconstruídas no século III <sup>39</sup>.

Da ocorrência dos gentilícios raros, os mesmos, na onomástica pessoal do Algarve e de *Olisipo*, dentro de balizas cronológicas que permitem no máximo quatro gerações, deduz-se a possibilidade de parentesco próximo entre os seus portadores, ideia que é reforçada pelo facto de, tanto em Lisboa como no Algarve, a restante onomástica gentílica que se lhes associa também o não contrariar <sup>40</sup>, e que nos induz mesmo também a fortíssima probabilidade de estarmos perante um efectivo próximo parentesco.

Assim parece que, procurada, foi encontrada a tal cidade onde temos a elite local inscrita na tribo *Galeria* (a tribo de *T. Rutilius Tuscillianus*) e onde o leque gentílico da inscrição de *Balsa* está bem documentado — é *Olisipo*.

No sudoeste da Hispânia, as áreas geográficas e as actividades económicas onde encontramos envolvidos naturais de *Olisipo*, e que se declaram olisiponenses, são as constantes do quadro 2.

O referido quadro mostra uma franca implantação de olisiponenses nas regiões limítrofes do sul da Lusitânia, implantação de certo modo importante, pois sabemos que eles estão referidos em 4 das 14 inscrições de imigrados <sup>41</sup> da região da actual província de Huelva, num total de 61 textos epigráficos romanos desta província, e chegando mesmo a ultrapassar o número de olisiponenses documentados no *Conventus Pacensis*.

A reforçar estas ligações entre a cidade de *Olisipo* e a província da Bética, está a homenagem que em Lisboa se erigiu, por ordem da própria cidade que subscreve a inscrição com o seu nome *Felic(itas) Iulia Olisipo*, a *L. Caecilius L. f. Celer Rectus, quaestor provinciae Baeticae*, de quem se pensa que possa ser de origem hispânica, talvez mesmo lusitânica, e que teria desempenhado o cargo em data que desconhecemos, mas que se situará no século II ou no século III <sup>42</sup>.

Tudo isto concorre para uma fácil aceitação da ideia de um natural relacionamento de diversos estratos populacionais de *Olisipo* com os dos núcleos urbanos do território do actual Algarve.

Também por detrás deste grupo de pessoas, é perceptível uma razoável capacidade económica de alguns deles; aliás ficou bem expresso, na epigrafia de *Balsa*, o poder económico de *L. Cassius Celer* cuja actividade munificente data de meados do século II, exactamente quando cairia a data do estreitamento de relações entre os *Manlii* de *Balsa* e os *Rutilii*.

<sup>39</sup> Cf. *CIL*, II, 191.

<sup>40</sup> Cf., v.g., SILVA — *Op. cit., supra*, nota 35, *passim*, *IRCP, passim*, e RIBEIRO, J. C. — *Estudos histórico-epigráficos em torno da figura de L. Iulius Maelo Caudicus*. «Sintria», I-II (1), 1982-1983, p. 151-476. *passim*. Para o gentilício *Callaeus* (já elencados em SOLIN, H.; SALOMIES, O. — *Repertorium nominum et cognominum latinorum*. Hildesheim, 1988, p. 42) que ocorre em *IRCP*, nº 86, de *Balsa*, em *Ebora* e em *Olisipo*, cf. DIAS, M. M. A. — *Um epitáfio romano achado em Lisboa*. «Euphrosyne», n. s., XII, 1983-4, p. 235-238.

<sup>41</sup> Cf. *ARPH*, nº 33, *al[.] tensis*; nº 42, *emeritensis*; nº 17, *interam(niensis)*; nº 22, 35, 38 e 53, *limici*; nº 44, *novaugustana*; nº 45, 46 e 47, *talabrigenses*; nº 2, *tarmestinus*; nº 11 e 12, *turobrigen-ses*;

<sup>42</sup> Cf. ALFÖLDY, G. — *Fasti Hispanienses*. Wiesbaden, 1969, p. 188-189.

## QUADRO 2

## OLISIPONENSES NA HISPÂNIA A SUL DO TEJO

Datação	Lugar	Nome	Actividade	Bibliografia
	<i>Baetica:</i>			
?	Alajar	<i>C. Cabius Attius</i>	prop. rural	<i>ARPH</i> , nº 1
?	Andévalo	.....	.....	<i>CIL</i> , II, 954
séc. II	Rio Tinto	<i>L. Iulius Reburrius</i>	fabricante lucernas	<i>ARPH</i> , nº 53
?	Villa Nueva Castillejos	.....	.....	<i>ARPH</i> , nº 62
séc. II	Trocina (Sevilha)	<i>M. Cassius M.f. Gal. Sempronianus</i>	<i>diffusor olearius</i>	<i>AE</i> , 1984, 528
	<i>Lusitânia:</i>			
fins séc. I	S. Vitória (Beja)	<i>M. Iulius Avitus</i>	prop. rural?	<i>IRCP</i> , nº 296
séc. II	Coruche	<i>Mar(tus) Q.f. Quintilianus</i>	prop. rural?	<i>IRCP</i> , nº 415

prop. = proprietário.

É evidente que o tráfico marítimo poderia ser o ramo de actividade económica preferencial destes «lobbies» familiares em formação, embora seja difícil determinar em que regiões e com que produtos actuavam preferencialmente: isto é, que mercadorias, e donde para onde?

Temos, contudo, elementos que nos permitem adiantar algumas hipóteses de trabalho no que respeita a essas actividades.

Há o caso de *L. Iulius Reburrius*, da inscrição de Rio Tinto, que foi considerado estar na origem da produção das lucernas mineiras com a marca *L.I.R.*, a qual, como subindústria restrita destinada às minas, parece que, de todo, não podia alimentar uma actividade exportadora regular. Mas como grande actividade económica fica-nos a de *M. Cassius M. f. Gal. Sempronianus, diffusor olearius*<sup>43</sup>, que se confessa *olisiponensis*<sup>44</sup>, o que, ainda o distingue dos futuros

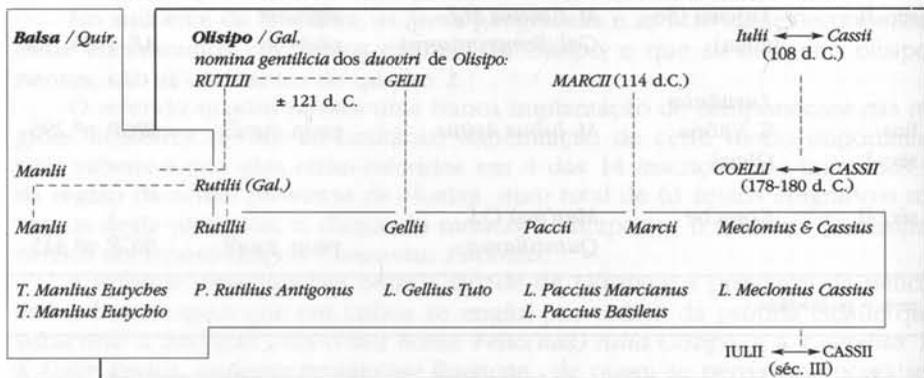
<sup>43</sup> A inscrição foi achada perto de Trocina, no lugar onde também foi encontrada uma outra placa, de *Cassia Zoe*, que teria pertencido ao monumento funerário dos *Cassii* mandado construir por *Sempronianus*, cf. GONZALEZ, J. — *Nueva inscripción de un diffusor olearius en la Bética* — «Producción y comercio del aceite en la Antigüedad», 2, Madrid, 1983, p. 183-188. Sobre este *diffusor* cf. LOYZANCE, M.-F. — *A propos de Marcus Cassius Sempronianus olisiponensis, diffusor olearius*. «Revue des Études Anciennes», LXXXVIII, 1986, p. 273-284. Para os diversos significados possíveis de atribuir à função de *diffusor olearius* cf. LE ROUX, P. — *L'huile de Bétique et le Prince sur un itinéraire annonaire*. «Revue des Études Anciennes», LXXXVIII, 1986, p. 260-263, que prefere para esta inscrição uma datação dentro da primeira metade do século II.

<sup>44</sup> Os *Cassii*, em *Olisipo*, associaram-se familiarmente com as seguintes gentes: *Annii*, *CIL*, II, 4998; *Arrii*, *CIL*, II, 204; *Coelii*, *CIL*, II, 284 (entre os anos 178-180); *Marcii*, *CIL*, II, 4998; *Iulii*, *CIL*,

*M. Cassii* de *Italica* e de *Corduba*, estes últimos cavaleiros <sup>45</sup>, que lhes são posteriores no tempo, e levam à tentação de serem admitidos como seus descendentes, ou situados na sua sucessão, tanto mais que, nem em *Italica*, nem em *Corduba*, os *Cassii* são, onomasticamente representativos da população destas cidades <sup>46</sup>.

Os gentílicos destas inscrições de *Balsa* e das de *Olisipo* que se lhes associam estão presentes no material anfórico do Testácio, e, à excepção do de *Rutilius* (de que só temos um único exemplo no nome de um exportador hispânico para a Germânia), os restantes gentílicos são francamente comuns <sup>47</sup>.

#### QUADRO GERAL DAS RELAÇÕES INTERFAMILIARES PROPOSTAS



II, 179 (do ano 108), 177, 4994 (do séc. III). A ligação com os *Sempronii*, que o nome do *diffusor olearius* reflecte, não está documentada em *Olisipo* onde no entanto encontramos documentado o gentílico em *Sempronia Rufina*, e *C. Sempronius Pacatus*, *CIL*, II, 214, e *CIL*, II, 250, respectivamente, indivíduos que nos parecem socialmente inexpressivos, embora *Sempronia Rufina* possa ter vivido com um certo à-vontade económico.

<sup>45</sup> Em *Italica* temos um *M. Cassius Serg. Caecili(anus)* que, sob Adriano, foi flâmine da província da Bética; o seu nome sugere a ligação de dois gentílicos muito raros nesta cidade, onde só encontramos mais um exemplo de um *Caecilius* e onde este *Cassius* é aqui o único, cf. CANTO, A. M. — *La epigrafia romana de Italica*. Madrid, 1985, p. 166-168. Em *Corduba* temos *M. Cassius M. f. Agrippa*, cavaleiro, que foi *procurator Augusti*, e *M. Cassius Pollio*, irmão deste, numa inscrição datada do século II, cf. PFLAUM, H.-G. — *La part prise par les chevaliers romains originaires d'Espagne à l'administration impériale*, in «Les empereurs romains d'Espagne». Paris, 1965, p. 108. Sobre uma certa mobilidade social ascendente a que a Hispânia do século II assiste cf., v.g., ALFÖLDY, G. — *The social history of Rome*, trad. ingl. da 3ª ed. alem., London, 1985, p. 160, a que decerto não foi estranha a função que a Península teve como a grande retaguarda abastecedora dos exércitos do *limes*, ainda que nem sempre, cá, ao longo de todo o século dos Antoninos, se tenha vivido em completa tranquilidade político-militar, cf., v.g., ARCE, J. — *Inestabilidad política en la Hispania durante el siglo II d.C.* «Archivo Español de Arqueología» 54, 1981, p. 101-115.

<sup>46</sup> Quanto aos *Cassii* de *Italica* cf. nota *supra*. Em *Corduba* o nome *Cassius*, além desta inscrição, só aparece, numa fina placa de chumbo, sob a forma *Casius (sic)*, cf. *HAepigr.*, 2052 e KNAPP, R. C. — *Roman Córdoba*. Berkeley, 1983, p. 82.

<sup>47</sup> Cf. BELTRAN LLORIS, M. — *Las Anforas romanas en España*. Zaragoza, 1970, índices; para *C. Rutilius Simplicius* cujo nome acompanha, em posição β, numa ânfora Dress. 20, um rótulo que indica o conteúdo de azeitona preta, «*oliva nigra ex defrutum penuarium excellens*», exportada para a região de Mainz, onde foi achada, cf. Id. — *Ibid.*, p. 249.

O envolvimento de gente de *Olisipo* no comércio de longo curso tem sido já apontado ao identificar-se *M. Afranius Euporius*, de *Olisipo*, com o indivíduo do mesmo nome que aparece em posição  $\beta$  nos *tituli picti* de ânforas Dress. 20 do Testácio, datadas de 154<sup>48</sup>.

Será pois de admitir genericamente, examinadas as associações onomásticas, que, economicamente, *T. Rutilius Tuscillianus* (e a sua gente), navegasse por estas águas, ou por águas afins.

Documentalmente, a associação dos conjuntos de gentilícios da onomástica pessoal de *Olisipo* e de *Balsa* sustenta-se por ela mesma. De facto, se noutros centros urbanos peninsulares, mesmo sem cuidarmos se há, ou não, nas inscrições, uma concordância cronológica, ocorrem presenças de, por exemplo, *Rutilii*, *Marcii* e *Cassii* (Cádiz), *Rutilii* (?), *Marcii* e *Cassii* (Córdova), *Gellii*, *Marcii* e *Cassii* (Tarragona), estas não indiciam relações familiares entre os seus portadores, nem a probabilidade deles protagonizarem ligações familiares inter-cidades.

Nesta ordem de ideias, e porque pensamos que, quando há escassez de informação explícita, no material epigráfico disponível, para uma aproximação a um conhecimento operativamente útil do significado e do processo dos comportamentos sociais, dos indivíduos e dos grupos, nas pequenas unidades urbanas do ocidente do Império, é muito mais legítimo o método do encadeamento de quadros conjecturais, que condensem a totalidade da informação implícita, que o de entrelaçar juízos categóricos de avaliação, geralmente deduzidos de situações mais supostas que documentadas, baseados na facilidade formal das definições jurídicas tardo-imperiais e temperados com muito «feeling» de antiquário que, ao contrário do que geralmente se pensa, ainda se vai perpetuando em muita produção científica, sendo, ainda, a História muito mais a interpretação lógica do historiador que todo o factual que, ao reescrevê-la, ele nela insere, julgamos portanto que a inscrição MNAE: E. 6372 reflectirá o facto, e as consequências, de um ramo dos *Rutilii* de *Olisipo* se ter cruzado com os *Manlii* do Algarve, cujo efectivo poder político local a inscrição MNAE: E. 6363 nos recorda, e que este encontro<sup>49</sup> se situou na geração dos pais de *T. Rutilius Tuscillianus*, no início do século II, ficando o tempo que medeia entre essa ligação e a época da inscrição, a permitir, através da duração da passagem de uma geração, a natural aceitação social dos dependentes desta *familia* que, parece, a todos, a inscrição chama de *balsensium*, clara legitimação pública de

<sup>48</sup> Cf. *Ibid.*, p. 219. Sobre o papel dos hispânicos no comércio mediterrânico cf., v. g., BROUGHTON, T. R. S. — *Some notes on Trade and Traders in Roman Spain*. «Polis and Imperium», Toronto, 1974, p. 11-30 e, também, e o ainda não demasiado envelhecido WEST, L. C. — *Imperial Roman Spain: The objects of Trade*. Oxford, 1929, principalmente p. 73-84.

<sup>49</sup> Caracterizando bem um comportamento comum nos pequenos grupos já de algum relevo socioeconómico, que, como em Mactar observou M'CHAREK, A. — *Aspects de l'évolution démographique et sociale à Mactaris aux II<sup>e</sup> et III<sup>e</sup> siècles ap. J. C.*, Tunis, 1982, p. 228: «... évoluent au cours du second siècle en se rapprochant d'abord et en fusionnant ensuite par le jeu des alliances matrimoniales et les diverses formes d'association d'intérêt».

um «transfer» familiar em que a carga de mobilidade social não pode ser avaliada, podendo, até, não ter existido. Quanto à caracterização socioeconómica, de todo este largo círculo «familiar», diremos com J. d'Encarnação, que se tratava, sim, de «burguesia empreendedora»<sup>50</sup>.

<sup>50</sup> ENCARNÇÃO — *Op. cit.*, p. 8 (v. nota 3). Aliás, durante o século II, o dinamismo social ascendente desta «burguesia empreendedora», largamente documentada na Bética e no Sul da Lusitânia, passa por outras deslocações territoriais, como esta de *Olisipo* para *Balsa*, que, no caso, ajudam a compreender a formação económico-social (na interpretação dada por E. Sereni a «Gesellschaftsformation» e «Ökonomische Gesellschaftsformation»), em que se estruturam as elites municipais da *Olisipo* de então, como em próximo estudo se verá.

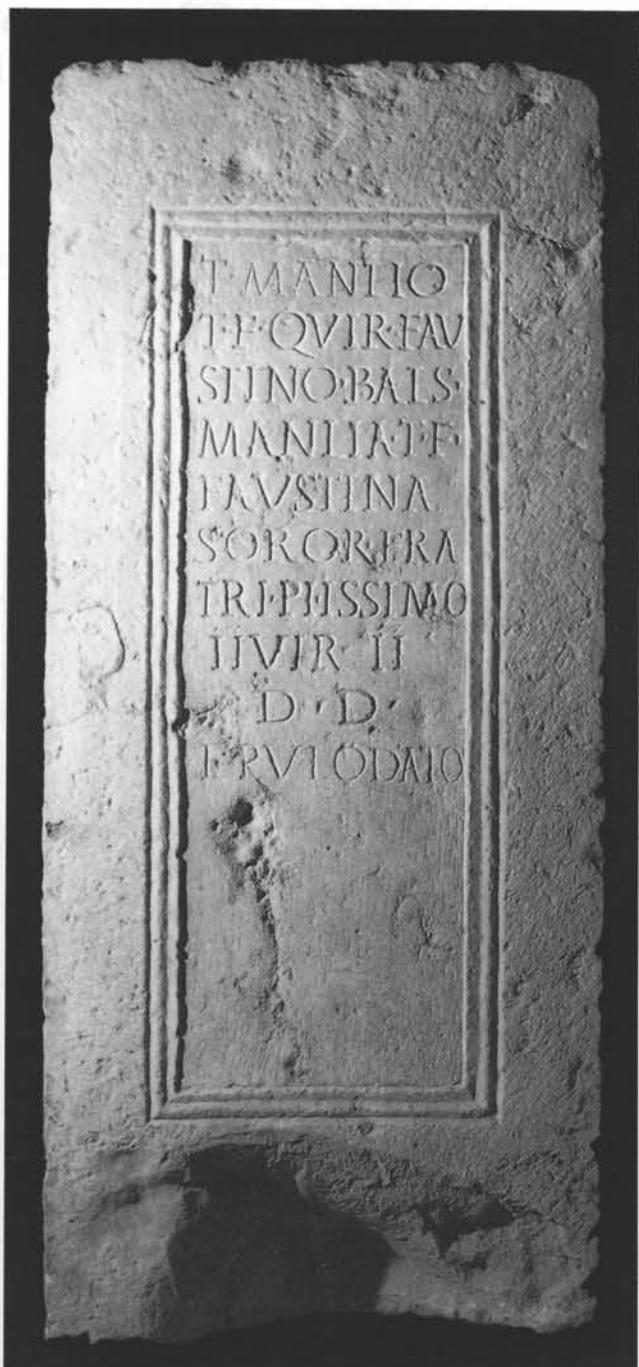


Fig. 1 — Registo do MNAE: E 6363

